

# AL

B. N. L.  
18. JUL. 1988  
DER. LEG.

jornal de letras, artes e ideias

Leonard Cohen:  
sobretudo escritor

pág. 21

Ano VIII n.º 309 De 7 a 13 de Junho de 1988 Preço 80\$00 Ser Semanalmente, às terças-feiras

Director José Carlos de Vasconcelos

Director adjunto Luís Almeida Martins

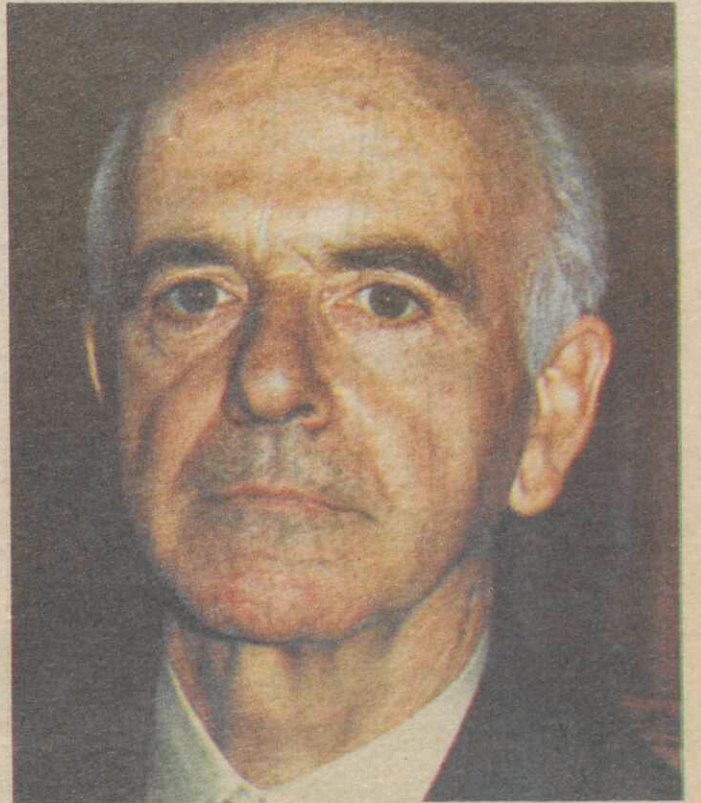


Ano Europeu do Ambiente

## O insustentável peso da poluição

- Entrevista com Macário Correia, secretário de Estado do Ambiente
- Textos de Viriato Soromenho Marques, Paulo Lemos e Serafim Riem
- Inquérito: respostas de António Eloy, Carlos Pimenta, Gomes Guerreiro, Gonçalo Ribeiro Teles e Maria Santos

dossier págs. 8/15



## Lindley Cintra: um homem de palavra(s)

■ Perfil por Afonso Praça págs. 6/7



## Novos filmes portugueses

■ Entrevistas (de Pedro Borges) com João Canijo e Vítor Gonçalves págs. 27/29



Companheiro e primeiro editor dos neo-realistas de Coimbra, passou também a certidão de nascimento à nova poesia moçambicana e morreu há 25 anos. Era

# Augusto dos Santos Abranches, um cavaleiro de esperanças

Ilídio Rocha

Passou há exactamente um mês (7 de Maio) o vigésimo quinto aniversário da morte no Brasil, praticamente ignorado e na maior miséria, de um poeta português, modo de morrer em que não foi excepção, como se sabe. Chamava-se António Augusto dos Santos Abranches, assinava apenas Augusto dos Santos Abranches e, muitas vezes, também só Asa. Além de fazer poesia, de escrever textos ensaísticos e de ter tentado o teatro, desenhava, gravava e pintava. Obra principal: criar espaços para que outros poetas, outros prosadores e outros pintores se revelassem. Exemplos — em Portugal: o primeiro núcleo dos neo-realistas de Coimbra; em Moçambique: o primeiro grupo de poetas verdadeiramente moçambicanos.

Editora, revista e cadernos

Se a notícia do que fez e se dá acima é curta ainda, lá iremos com o que dele dizem as testemunhas. Antes, porém, adiantaremos que nasceu em Paul, na Beira, em 4 de Março de 1912. Tendo vindo para Coimbra na habitual tentativa de conquistar um canudo, acabou montando banca de livreiro junto da Sé Velha, lugar onde logo haveria de nascer uma tertúlia integrada de gentes que muito daria que falar nas letras pátrias: Fernando Namora, José Marmelo e Silva, João José Cochofel, Carlos de Oliveira e quejandos. Tudo gente que escrevia poemas, tentava o texto teatral e aprontava romances ou contos mas... não tinha editor.

Esse problema — como conta Fernando Namora (1) — afogueou o rosto, de si rubicundo, do Augusto Abranches, como já lhe afogou o cérebro. Pois não tinha ele uma livraria e ainda umas migalhas da bolsa paterna? E grandes editoras não se haviam gerado e medrado por acreditarem nos que, de começo, não conseguem ninguém que neles acredite? Assim nasceu a Portugália de Coimbra, a pano frágil mas solto, chancela dos primeiros livros que demarcaram a cepa coimbrã da nova geração. Editora *sui generis*, bem entendido, sem alvarás nem contabilistas, e, estou em crer, sem cobradores. E ainda Namora: Assim nasceu em Coimbra, pela mão do Augusto dos Santos Abranches, uma iniciativa editorial que contribuiu para congregar um grupo de aspirantes à literatura, instilando-

lhes a fé e garantindo-lhes as oportunidades, sem as quais a melhor semente nem chega a germinar. A partir daí, já foi possível dar corpo a vários projectos, em que ele directa ou indirectamente colaborou: uma revista literária, *Altitude*, de que raros se lembram (...) e o primeiro e único volume dos *Cadernos da Juventude*. (...) O seu caso não importava. Bastava-lhe receber o seu quinhão da fraternidade em que plantáramos a nossa raiz.

E foi assim também em Moçambique

Em 1944, por motivos vários e que provavelmente nem deveriam vir para aqui, o Abranches foi para Moçambique. Ali, empregou-se numa livraria, a Minerva Central, propriedade de um liberal, «maçon» e bibliófilo, que durante alguns anos teve a paciência suficiente para não só ter um «poeta» onde necessitava de um «caixeiro», mas também para o ajudar nos sonhos, pese embora a grande diferença de idades. Editou-lhe o seu ensaio *Contorno de Eça* e introduziu-o junto de um «irmão», o capitão Manuel Simões Vaz, que no seu jornal, o *Notícias*, lhe deixou criar um suplemento que foi marco importante na obra que o Abranches deixaria em Moçambique: chamava-se *Sulco* e publicou apenas dezasseis números, no último dos quais se estreou o primeiro dos novos poetas de Moçambique a imprimir-se: Fonseca Amaral.

E Abranches, que pela ponte do Fonseca Amaral, facilmente é aceite junto de um grupo de jovens, uns quantos de cor e alguns ainda adolescentes, não pára pelo *Sulco*. Dá a esses jovens a conhecer os neo-realistas portugueses e os novos escritores brasileiros da denúncia do Nordeste. E por aí começa a sensibilizá-los e a estimulá-los. Assim, Rui Knopfli pode escrever do Abranches (2): Quem escreve estas linhas deve-lhe — como outros moços desse tempo — alguma coisa: estímulo, convívio intelectual, camaradagem e amizade. No ambiente desordenado do pequeno apartamento em que vivia, os seus 40 anos nivelaram-se à nossa adolescência, na segunda pessoa do singular e na paciência ingénua com que suportava a rebeldia das nossas investidas literárias.

Acabado o *Sulco*, Abranches faz reviver o *Itinerário*, suspenso por «exigências legais», como dá conta o *Notícias*, numa longa local de primeira página, na sua edição de 29 de Abril de 1946, que anuncia o reaparecimento do mensário e também de um número especial para o



Capa do livro de poemas «Tufão», de Augusto dos Santos Abranches, desenhada e gravada pelo autor. É a segunda edição da histórica Portugália de Coimbra, primeira chancela a abonar os neo-realistas.

mês seguinte, Maio, comemorando o seu quinto aniversário. Só sairá em Julho, esse número especial, mas lá estará de novo Fonseca Amaral, o primeiro, como se disse, a ter letra de forma dos do grupo que o Abranches activava: Noémia de Sousa, José Craveirinha, Rui Nogar, Rui Knopfli, Rui Guerra (o cineasta), António Bronze (o pintor) e Ricardo Rangel (o fotógrafo).

Alguns terrorismo intelectual

Entretanto, em 1947, um acontecimento importante acelerará este processo de consciencialização e de separação de campos: para um lado, a poesia (que prosa pouca era) de Moçambique; para o outro a tão reclamada «literatura colonial» (depois «ultramarina») que teve em Rodrigues Júnior o seu mais acabado «exemplo» e em Amândio César o seu mais empenhado «crítico». Foi esse acontecimento, o I Congresso da Sociedade de Estudos de Moçambique, onde o Abranches meteu pé (e teses!) um verdadeiro acto de terrorismo intelectual. Chamavam-se elas *Moçambique lugar para poesia* e *Sobre «Literatura Colonial»* e do abalo que fizeram deu conta o já nosso conhecido *Notícias*, em larga prosa de primeira página e direito a continuação, onde sai claro que quem mais se doeu foram os laureados dos prémios da tal «Literatura Colonial», que a Agência Geral das Colónias todos os

anos dava e todos sabemos muito bem porquê.

Daí para a frente nada foi igual naquela paróquia de letras. A intocabilidade morreu para os instalados e a certeza do direito a um lugar ao sol reforçou-se para aquele punhado de jovens gravitando em torno do Abranches, que procuravam, então e já, afirmar-se co-

mo outras e realmente moçambicanas vozes.

E o Abranches, a atizar essas vontades, dando-lhes lugar na letra de forma das folhas onde metia a mão. O *Itinerário* sempre; mas também o *Agora*, que o governador-geral mandou encerrar com o mais curto despacho da sua carreira governativa: *suprima-se*; o suplemento dominical do *The Guardian*, onde alimentava uma secção de «Letras»; e a *Tribuna* de 1951, de que chegou a tentar fazer uma revista. E, ainda, mandando poemas daquela gente nova e algo atrevida para os quatro cantos do Mundo onde lhe chegavam as cartas. Daí a justiça destas palavras de João Palma-Ferreira (3): *A sua presença em Moçambique foi extraordinariamente benéfica para a emancipação da poesia moçambicana de que divulgou alguns dos melhores autores.*

Cavaleiro de esperanças

E foi assim, este cavaleiro de esperanças, sonhador irremediavelmente adolescente, D. Quixote a perseguir, de peito em chama, mil formas de perdurar no mundo dos vivos, como dele diz Namora (4); este Poeta ligado aos primórdios do neo-realismo, que hoje tende a ser esquecido, como escreve Luís Francisco Rebelo (5).

Antes de partir para o Brasil, para onde foi empurrado por Pide's e outras incomodações, manteve viva, tanto quanto

possível, a chama do *Itinerário*, tentando mesmo em 1955 editar-lhe uns suplementos, o primeiro dos quais e cremos que único é uma antologia da poesia então feita em Moçambique. Em 1954 e 1955, foi o principal colaborador do autor destas linhas no milagre semanal de uma página de *Artes e Letras*, naquele mesmo *Notícias* que dez anos antes lhe abrigara o *Sulco*. Colaborador incansável: com prosa, poesia, desenhos, novos colaboradores e, sobretudo, entusiasmo, ideias, incentivo.

E, no início de 1956, lá foi para São Paulo. Mas escreveu sempre aos amigos que deixara em Moçambique, mandando-lhes poemas, ideias, desenhos, recortes, notícias de outras esperanças que por certo saberia não se concretizariam. Tudo isto, como já disse alguns, sabe-se lá a que pão roubado o dinheiro dos selos.

Morreu há vinte e cinco anos, no dia 7 de Maio de 1963, no Hospital de São Luís, em São Paulo, e, como já dissemos pela pena de João Palma-Ferreira, praticamente ignorado e na maior miséria (6).

- (1) Fernando Namora, *Um Sino na Montanha*
- (2) Rui Knopfli, in «A Voz de Moçambique», 25 de Maio de 1963
- (3) João Palma-Ferreira, in *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*
- (4) Fernando Namora, *Obra citada*
- (5) Luís Francisco Rebelo, *Cem Anos de Teatro em Portugal*
- (6) João Palma-Ferreira, *Obra citada*

## Bibliografia de Santos Abranches

Livros e comunicações a congressos:

*Poemas de hoje*, poesia (Coimbra, 1942); *Tufão*, poesia (Coimbra, 1943); *As Várias Faces*, teatro (Coimbra, 1943); *Contorno de Eça*, ensaio (Lourenço Marques, 1964); *Moçambique lugar para poesia*, comunicação ao I Congresso da Sociedade de Estudos de Moçambique (Lourenço Marques, 1947); *Sobre «Literatura Colonial»*, comunicação ao mesmo Congresso [estas duas comunicações são a certidão de nascimento da nova poesia moçambicana] (Lourenço Marques, 1947); *Um retrato de Marques Rebelo* (Rio de Janeiro, 1958) [este ensaio havia sido

publicado inicialmente, em 1954-1955, na página *Artes e Letras* do *Notícias* de Lourenço Marques].

Jornais e revistas:

Para além da colaboração que dispersou por revistas, jornais e páginas literárias de Portugal, Angola, Moçambique, Brasil e alguns outros países sul-americanos, Abranches teve um importante papel nos seguintes periódicos:

*Cadernos de Juventude*, editor e colaborador (Coimbra, 1937); *Altitude*, editor e colaborador (Coimbra, 1939); *Sulco*, suplemento literário do diário *Notícias*, director e prin-

cipal colaborador (Lourenço Marques, 1944-1945); *Agora*, chefe da redacção (Lourenço Marques, 1948); *Itinerário*, animador e director de facto (Lourenço Marques, 1946-1955); *Guardian*, edição dominical, responsável pela secção de *Artes e Letras* e seu principal colaborador (Lourenço Marques, 1949-1950); *Tribuna*, redactor principal (Lourenço Marques, 1951); *Notícias*, colaborador principal da página *Artes e Letras*, então dirigida por Ilídio Rocha (Lourenço Marques, 1954-1956); *A Tribuna*, correspondente no Brasil (Lourenço Marques, 1962).

I.R.